

ITÁLIA VISTA POR UM MÉDICO

Quem viaja sempre traz recordações. Gravam-se na memória imagens do que se viu e do que se ouviu, dos sentimentos que essas imagens despertaram. Fechamos os olhos, transportamo-nos aos dias passados fora do lar, e um mundo de recordações nos invade... Só quem tem a alma fechada a tudo o que a cerca, quem vai tão concentrado na sua vida interior que tudo o mais é como se não existisse, pode dizer, como o torturado António Nobre:

Vi a ilha loira, o Mar! Pisei terras de Espanha
Países raros, neves, areais.
Cantando, ao luar, errei nas ruas da Alemanha,
Armei na França minha tenda de campanha
E tédio, tédio, tédio... e nada mais!

Há várias maneiras de viajar. Viaja-se para estudar, para adquirir ou apurar conhecimentos que nos são preciosos, e então é natural que o espírito se concentre na tarefa que nos propusemos efectuar; esta será motivo de uma deslocação que só por o ser pode chamar-se viagem. Viaja-se para os divertimentos gordos, como os que iam a Paris «faire la bombe», ou como aquele meu amigo, desocupado e rico, que me dizia gostar muito de Madrid, porque indo para o «Palace», não precisava de sair do hotel para ter tôdas as diversões, desde a música e teatro ligeiro até aos chás com dança; mas isso não é viajar. Viaja-se, enfim, sem móvel fixo, para ver, um pouco ao acaso, coisas desconhecidas a colher impressões, aqui e além, como quem passa por um jardim, e vai

colhendo flôres, maiores ou mais pequenas, brancas ou coloridas, como os canteiros as dão; e isto sim, isto é que é viajar.

Sorrio dos que, ao cabo de umas semanas passadas num país estrangeiro, são capazes de escrever, à Kayserling, um livro sôbre a alma do povo visitado. Aproveitando o ensejo de ter de assistir em Roma a um congresso médico, percorri algumas das principais cidades italianas, como simples turista, passe o galicismo, hoje tão vulgar. Deus me livre da estulta pretensão de emitir juízos sôbre a Itália, sua gente e sua vida; singelamente, são as minhas impressões, as minhas recordações de viagem, que vou contar-vos.

*

Entrei na Itália pela fronteira da costa azul. Ao chegar a Vintimiglia ia o combóio vagarosamente; na linha em reparação, um grupo de trabalhadores, de torso nu, saüdou-nos alegremente, com o braço em alto. Naquela linda tarde de sol vivo, êsses homens apresentaram-se aos meus olhos como a imagem simbólica de uma nação que ano a ano se engrandece pela fôrça do trabalho. Quando, à noite, desembarquei em Milão, parecia que ainda os estava a ver...

Milão é, sobretudo, «Il Duomo», a catedral, maravilha das maravilhas. Amo as grandes igrejas góticas, que erguem para o céu as suas agulhas rendilhadas: Estrasburgo, Colónia, Nossa Senhora de Paris, Ruão, Burgos, Leão, Toledo, Salamanca... A de Milão é uma das maiores no tamanho e na beleza.

De-certo, também fui ao castelo dos Sforza, passei pelo «Ospedale Maggiore» e pela galeria Vitor-Manuel, e visitei a igreja de Santa Maria da Graça, ao lado da qual, numa parede do antigo refeitório dos frades, está pintada a célebre «Ceia do Senhor», de Leonardo

da Vinci. E aqui, á puridade, devo confessar que gostei de a ver para me recordar dêsse extraordinário génio dos maiores que conta a história da humanidade, anatómico, físico, artista, em tudo deixando a garra da sua excepcionalíssima mentalidade. Mas a «Ceia», velhinha encarquilhada e retocada, faz-se lembrar uma daquelas cincoentonas que por aí vemos, com esfregaços de «baton», a querer aparentar a sua antiga formosura.

Depois da catedral, o que mais me impressionou foi uma exposição de desenhos, quadros e obras de arte aplicada, tudo feito por empregados e operários, nas horas vagas, mercê do ensino e incitamento prestados pela magnífica organização que é o «Dopolavoro». Maior do que o valor artístico da exposição, na qual havia, no entanto, muita coisa interessante, me falou o seu alto significado social.

A obra italiana do «Dopolavoro» é uma instituição nacional destinada a prestar a todos os trabalhadores serviços de educação, física e moral, do mesmo passo desviando-os para ocupação útil e sã das suas horas e dos seus dias de descanso. Fundada em 1925, tem ido sempre em aumento de benefícios e de beneficiados, como podeis ver por êste cartaz, em que procurei resumir a actividade dessa obra excelente, que é uma das mais belas realizações sociais da Itália rejuvenescida. Vai a caminho dos 3 milhões o número dos filiados, o que para uma população total de 43 milhões, representa uma evidente generalização da obra à classe trabalhadora.

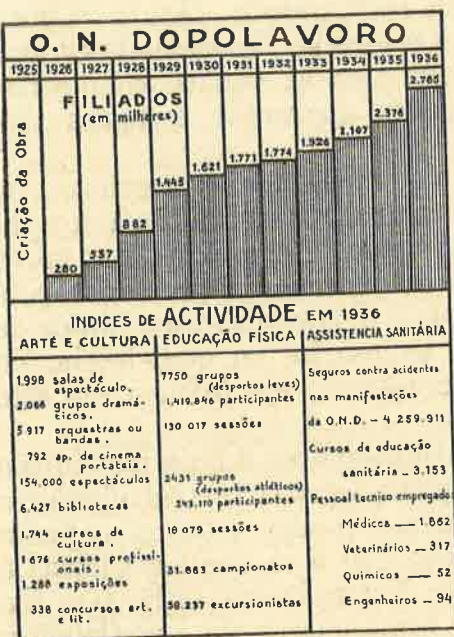
Depois de uma excursão, prejudicada por dia chuvoso, ao belo «Lago Maior», fronteiro à Suíça, segui para Veneza.

Quem não terá sonhado algum dia em ver, com os seus próprios olhos, aqueles lugares de tão típica beleza, que desde a infância conhecemos pelas reproduções de

gravuras e oleografias? Veneza de delicioso sossêgo, Veneza dos múltiplos encantos, das gôndolas airosas deslizando nos canais, ladeados por soberbos palácios erguidos na água tranqüila

que se espraia nas escadarias dos seus pórticos, da colorida praça de San Marcos com a sua revoada de pombas, sua arcaria elegante, e ao fundo a mole bizantina da igreja, a brilhar nos seus azulejos variegados, com esplendores de ouro faíscante...

Ao lado da igreja de San Marcos fica o curiosíssimo palácio dos Doges, da mais formosa arquitectura e ornamentação dos séculos XV e XVI, que nos transporta a essas



épocas distantes, tal como nos conduz a uma casa senhorial de há dois séculos a reconstituição há pouco realizada em «Ca'Rezzónico», um dos mais belos palácios do grande canal.

Veneza é única no mundo. Apetece ficar por lá dias seguidos, alheando-nos da vida habitual, a sonhar passados românticos... Mas as realidades mandam. Era preciso partir. Dentro de dois dias começaria o congresso, e eu ainda queria ver Florença, situada no trajecto para Roma. E para lá segui, a caminho das amáveis terras da Toscana.

Florença, a bela, é toda ela um museu. Há cidades

assim, cidades que conservam grupos de casas e monumentos das épocas passadas, dos tempos em que o sentido arquitectural tinha alma artística, imprimia a tudo um cunho particular de beleza. E praças e ruas aparecem quâsi como então eram, sem as máculas do estilo «caixote», se estilo se lhe pode chamar, que do século XVIII para cá transformou os arruamentos citadinos em estradas ladeadas por altos muros esburacados. Abençoadas sejam as gerações que conservaram os belos e evocadores recantos de Iorque, de Heidelbergue, de Santiago de Compostela, de Viana do Castelo...

Florença é a Renascença em toda a sua plenitude. Como é linda a praça da Senhoria, com o seu «Palácio Velho», meio castelo meio paço, o belo pórtico de grandes arcadas da «Loggia dos Lanzi», as suas grandes estátuas nuas! Ao lado, fica o célebre palácio dos «Uffizi», onde há um dos maiores e melhores museus de pintura do mundo. Florença, que foi, desde os fins do século XIV, o centro por excelência da vida intelectual da península itália, foi o foco irradiante da arte pictural e plástica; ali, na famosa galeria estão obras primas de Da Vinci, Donatello, Botticelli, Andrea del Sarto, Cellini, Miguel Ângelo, Rafael, etc., de toda a pleiade insuperável dos grandes primitivos e mestres da Renascença.

Eu bem sei que os museus são indispensáveis, que sem eles se perderiam muitos valores, e que tem a virtude de oferecer, reunidas, obras que doutra forma seria impossível ver. Mas quando visito um museu trago sempre dêle, ao lado da recordação grata, duas impressões desagradáveis: uma é a da dor na nuca provocada pela extensão da cabeça durante horas, porque os quadros não estão à altura dos olhos dos visitantes, como se me afigura que deviam estar; outra é a de que estamos ainda numa fase muito atrasada de civilização, tão atrasada que se encerra o que é belo a sete chaves, e pouco ou nada dêle alegra os nossos olhos nos lugares

cial exercida pelo Estado. Não nos desviemos porém, da nossa viagem; parece-me que estais à espera das minhas impressões de Roma, da grande Roma, sólio da Igreja e capital do Império.

*

Roma é uma portentosa metrópole, rica de monumentos de tôdas as épocas, como tôda a gente sabe. Mas o que marca a sua personalidade, inconfundível e única, é a coexistência de dois documentários, que não se encontra em mais parte alguma: o do velho Império romano e o do Papado. Roma dos Papas ao lado da Roma dos Césares. Duas grandezas sem par: o Forum e o Vaticano. É isso que lhe dá carácter; e que carácter!

Mussolini mandou construir uma larga avenida, a «Via dell'Impero», através das ruínas da antiga Roma. De um lado e doutro, ao passar por ela, contemplam-se livremente os restos da urbe mais famosa da antiguidade: as pedras acastanhadas das paredes das casas, os arcos de Constantino e de Severo, a coluna de Trajano, os fustes partidos dos templos do Forum. Dizia-me um amigo, ao comunicar-lhe a minha próxima viagem: verás, aquilo das ruínas de Roma, é um montão de cacos, gloriosos embora, mas cacos... E, encaradas, assim, pelo que hoje são, poucas tem ainda a grandiosidade primitiva. Mas dizem bem o que era a cidade — «ex digito gigans». Assim como aos ultra-românticos do tempo dos nossos avós bastava vislumbrar o pequeno pé que avançava da orla da vasta saia para imaginarem o belo corpo a que pertencia, assim como a Cuvier bastava um osso para reconstituir o esqueleto do monstro antidiluviano respectivo, também essas pedras históricas erguem, na nossa imaginação, a agitada e majestosa vida romana da República e do Império. E depois, no topo da «Via dell'Impero», existe o Coliseu.

Do célebre circo, a-pesar-de só em parte subsistir,

ficou o suficiente para tornar possível uma reconstituição completa, se ela não fôsse um sacrilégio. Pisa-se a terra que bebeu o sangue dos mártires do cristianismo, sobe-se aos degraus onde se sentavam os espectadores sangüinários; ao pôr do sol, quando a penumbra que se avizinha mais convida à meditação, faz bem recolhermo-nos junto da cruz erguida na arena, recordando páginas do «Quo vadis?». O Coliseu é o simbólico remate das ruínas do império romano, do bérço da civilização originária da vida social moderna.

Do outro lado do Tibre fica o Vaticano. O rio separa a Roma do Império da Roma do Papado. Está a demolir-se o casario que não deixava ver da margem a monumental praça de San Pedro. Creio que não há no mundo todo espaço mais grandioso que êsses oito hectares de terreno, cercados pela belíssima colunata de Bernini, com as suas duas fontes graciosas, e ao fundo a massa imponente da igreja de San Pedro do Vaticano, catedral das catedrais. Ao centro da praça ergue-se um obelisco oriental, trazido a Roma por Calígula, e que lá não devia estar; destoa da grácil beleza das pilastras dóricas, da fina balaustrada ornada por dezenas de estátuas de santos, da magnífica florescência renascentista do conjunto famoso.

Entremos na Basílica. Por tôda a parte, altares e túmulos são monumentos em que os olhos poisam encantados. O imenso templo, centrado pela cúpula gigantesca, assombra. Religioso ou não, o visitante tem que sentir-se pequenino dentro da majestade que o envolve. Tão intimamente se combinaram os intuitos religiosos com as manifestações do espírito artístico, que a Basílica de San Pedro é um museu, sem deixar de ser um templo cristão. A união difícil da arte e da riqueza com a espiritualidade religiosa realizou-se ali, na capital do mundo católico.

O Vaticano tem as suas galerias de arte, que são

das mais belas da Europa; mas todo êle, afinal é um museu esplêndido, com salas e salas decoradas por magníficas pinturas, os celebrados quartos de Rafael, e, no remate, já perto da Basilica, a espantosa Capela Sixtina, que é uma das maiores maravilhas de Roma, com os seus frescos admiráveis, e principalmente com aquele esmagador teto em que Miguel Ângelo passeou o seu pincel divino, movido por genial inspiração. Pena é que esta obra verdadeiramente extraordinária não esteja pintada numa parede; para a apreciar devidamente, seria preciso deitarmo-nos no chão. Tive vergonha de o fazer, e depois fiquei arrependido; é bem verdade que não há bela sem senão...

Há em Roma muitas coisas lindas e monumentais: San João de Latrão, Santa Maria Maior, o Palácio Farnese e tantas outras. Mas, depois do Vaticano, todos os edifícios parecem pequenos, tôdas as igrejas parecem pobres. Aqui e ali, um pouco por tôda a parte, há que ver e admirar. A mim, da rápida passagem a que as circunstâncias obrigaram, não colhi nota de geito; mas guardo a fina recordação de certa igrejinha, de cujo nome já me não lembro, tôda branca de mármore e cal, cheia de luz a reflectir-se no doirado das talhas e no colorido das imagens, porque me fez lembrar as alegres casas do Senhor da nossa terra, em que apetece rezar com os lábios e cantar alto hinos à Virgem, que para as orações silenciosas da alma lá estão os sombrios templos românicos e góticos, a impor íntimo recolhimento.

Cá fora, nas ruas, nas praças e nos jardins, mais do que qualquer outro motivo, são as fontes que nos encantam. Roma é a cidade das fontes. Há-as de todos os tamanhos e feitios, e algumas são notáveis: o repucho da praça das Termas, a original Barcaça, os três grandes fontenários da praça Navona, e sobretudo o teatral painel de mármore que é a fonte de Trevi. Encostado à parede de um palácio, com profusão de ornatos figurados,

e num grande nicho central uma forte estátua de Neptuno, jorra água cristalina num grande tanque arredondado, para onde se desce por degraus de mármore; é lindo, impressionante. Não resisti à tentação de a voltar a ver, a fonte de Trevi, de noite, banhada pelo luar artificial dos reflectores; então tudo parece fúido, a luz branca a escorrer pelas saliências das pedras lavradas, tão fina e diáfana como a linfa que cai na vasta bacia, e é como se não a enchesse, pois deixa ver (como para as tocarmos), poisadas no fundo, as pequenas moedas que lá lançam as raparigas, votivas oferendas de esperanças de amor...

Mas o tempo vai passando, e é preciso seguir viagem.. Vamos agora para Nápoles.

Quem vai em auto-carro, através do Agro Pontino, dentro de três horas está em Littoria, uma das novas cidades que nasceram, por milagre do trabalho, no meio das terras conquistadas ao pântanos, terras em que já se fixaram mais de 60.000 almas. Formidável obra pública, em vão tentada por pontífices e reis, e só agora conseguida. Essa empresa enorme (que continua em várias regiões da Itália) constitue a mais bela lição do quanto vale uma iniciativa bem orientada e forte dos poderes governativos. Conquista-se terra, e aniquila-se o sezonismo; cria-se riqueza agrícola, e, o que mais vale, cria-se saúde, porque se combate um dos factores mais graves de doença e morte dos italianos, sobretudo dos que viviam perto dêsses terríveis focos da maleitas. Por êstes números se pode avaliar a grandeza da obra, verdadeira empresa titânica: mais de 4 mil milhões de liras dispendidas pelo Estado, e mais de 6 mil milhões de liras gastos por particulares com subsídio do govêrno. E isto em 7 anos, de 1930 a 1936.

Nápoles! Empório comercial da Itália do sul, tem

um carácter distinto do que até então tinha visto. Já o clima é diverso e com êle a paisagem, mais meridional, mais peninsular. Andaram por aqui durante largo tempo os espanhóis.

Há o costume, quando se fala do povo italiano, de distinguir duas espécies de gente: a do norte e a do sul. A do norte, empreendedora, calma; a do sul, indolente, barulhenta. Deve haver nisto um fundo de verdade, mas não encontrei os clássicos «lazzaroni», a ostentar pelas esquinas a sua vagabundagem. Vi um porto cheio de animação do trabalho de carga e descarga, e ruas como as nossas, com afadigados e passeantes, como por toda a parte.

E vi, e senti, como todos os que lá vão, a decantada beleza da baía napolitana, com a curva graciosa da concava encosta, a perder-se ao longe, na mancha alegre de Sorrento, tal como se vê do alto do cabo Posillipo, miradouro excelente para a perspectiva da cénica paisagem, a que o Vesúvio dá especial carácter, com o seu penachito de fumo avioletado. Encantadora paisagem, a que quadram bem as notas dolentes das canções napolitanas, que se vão ouvir a Piedigrotta, como em Lisboa se vai ouvir o fado ao Retiro da Severa.

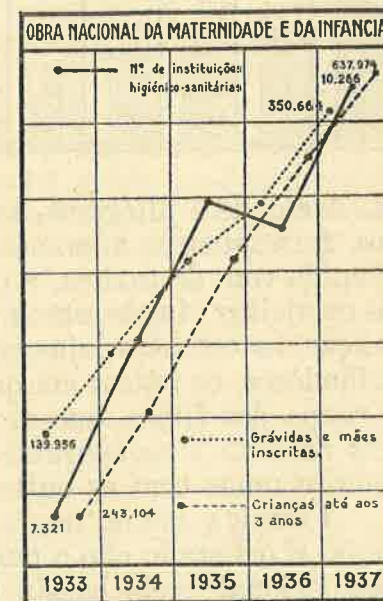
Quem vai a Nápoles não deixa de ir ao Vesúvio e a Pompei. Na pequena estação de Pugliano, enquanto esperava a saída do funicular que escala o monte, fui dar uma volta pela vilória. Logo apareceu um bando de rapazitos, descalços, como nas nossas aldeias. Aponto êste pormenor, para explicar aos meus conterrâneos, que berrem contra o baixo de nível de vida da nossa gente, que as facilidades de vida cómoda são apanágio das nações ricas, e que é ilusão, só desculpável pelo desconhecimento da relatividade de condições económicas dos povos, pretender que a vida material tenha os mesmos aspectos em toda a parte.

O sul da Itália é quasi todo ôsso, em que a carne da

terra fecunda aflora parcamente. Ao subir a encosta do Vesúvio, passa-se entre vinhedos e figueiras; mas o rude labor que foi preciso para arrancar da serra essa vegetação produtiva não deve andar muito longe do que dá nas margens do nosso Douro, socalcadas à custa do suor do cavador.

Socorre-se a pobreza, como cá, na terra-mãe da caridade cristã. Sem as riquezas de assistência que só os países ricos podem ostentar, a Itália nova organizou um sistema de previdência e assistência social que é já notável. Há uma obra nacional contra a tuberculose, e há instituições de socorro e auxílio mútuo, com um grande organismo oficial, que é o «Instituto Nacional Fascista de Previdência Social». Aí tendes, neste cartaz, alguns números que dão ideia da importância destas actividades, e do seu progresso nos últimos anos. É evidente a influência delas (e da já citada «Obra Nacional Maternidade e Infância», e de todas as obras públicas com alcance higiénico) na quebra das quotas de mortalidade.

Visitada a cratera fumegante do Vesúvio, desci a Pompeia. Ao percorrer as ruínas da velha cidade, desenterradas da lava que a matou, faz-se ideia do que era a vida urbana nesses tempos distantes. Mas a arte que nela florescia não é em Pompeia que se vê: está no Museu nacional, em Nápoles, preciosa colecção de obras estupendas, que, essas sim, nos dão



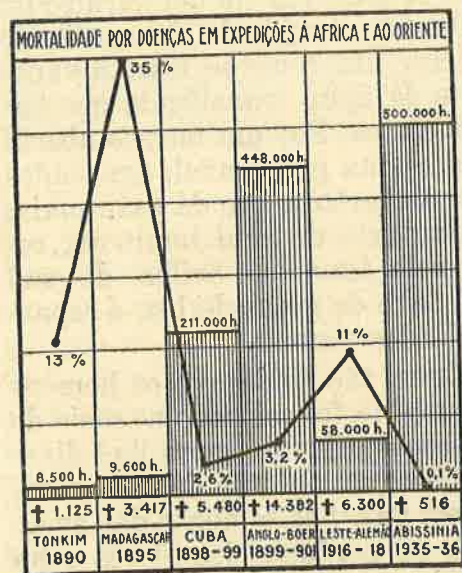
San Michele», e a voz do «Poverello», do santo dos santos, que anda pelo mundo com seu cortejo de pássaros e de desgraçados, a acordar os corações...

Capri! Capri! Com a tua beleza insuperável gravada nos olhos e na alma, quero deixar a terra de Itália, imagem inesquecível de uma pátria de santos e de artistas, lavrantes das belezas eternas...

Cai o sol no regresso. Uma ténue neblina esbate a sombra que desce pelas colinas sobranceiras a Sorrento e Castellamare, esfuma o cone truncado do Vesúvio; mas o poente bate ainda nas vidraças de Nápoles, que ardem em lampejos de púrpura. Adeus Itália! Bendito seja Deus, que te fez assim, pobre e bela, como fez belo e pobre o Portugal dos meus amores.

Vou terminar. Reparo agora que não vos falei da ciência médica italiana. Mas para quê? Aos que não são

da classe, não interessaria, e aos que lhe pertencem seria ocioso dizer-lhes que a Itália é no campo da ciência um progressivo país, com nomes contemporâneos de vulto, como Bianchi, Putti, Salimbeni, Forlanini, Ferrata e tantos outros. Prova recente de como está em dia a medicina italiana foi a que deu com a organização médica da expedição à Abissínia; jámais, como



dro, se conseguiram tão bons resultados com a medicina preventiva em colectividades militares em guerra, demonstração cabal da perfeição da arte sanitária.

*

Dei-vos algumas notas sobre medicina social. Bem sei que é fácil obtê-las, mais e melhores, pela leitura de livros e revistas. Mas aquelas têm para mim mais valor. Entre umas e outras há a mesma diferença que entre a água mineral bebida na nascente ou comprada em garrafas; falta a esta qualquer coisa, que lhe tira virtudes.

ALMEIDA GARRETT

Prof.-director da Faculdade de Medicina do Porto